

Momentos de Literatura

J. C. Alencar Araripe

1) "MISÉRIA E SONHO NO CANAL"

Eis um tipo de romance que me fascina: o romance social. Porque é a criação literária envolvendo uma realidade não só pressentida como desnudada ao observador contemplativo ou dinâmico do mundo que nos cerca.

Muito já se disse sobre a decadência do romance. Cada vez mais se restringe a legião dos que lêem para passar o tempo, ou fazem do livro um meio de lazer e deleite intelectual.

Alastra-se a concepção utilitária e dia a dia é maior o confronto no jogo da sobrevivência. O interesse é por aquilo que habilita e instrumentaliza para a disputa de uma oportunidade. Daí, quantos jovens que passam pela universidade e não desvendaram sequer as entranhas de pelo menos um grande romance?

Sinal dos tempos, dirão alguns, em vista da presença absorvente do audiovisual. Ausência do hábito da leitura, que se adquire desde mocinho. O econômico na base deste e de outros problemas, mas o dinheiro não é escasso para futilidades que se repetem e que paradoxalmente não entendiam.

Não creio que o romance venha a morrer. Para Roland Barthes “a narração está presente em todas as idades, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narração começa mesmo com a história da humanidade; não há, jamais houve, povo algum sem narração; todas as classes, todos os grupos humanos tiveram suas narrações e, muito frequentemente, essas narrações são saboreadas em comum por homens de culturas diferentes, por vezes opostas: internacional, transistórica, transcultural, a narração aí está como a vida”.

O romance subsistirá. Mas a sua permanência será tanto mais efetiva quanto maior for o seu envolvimento com o real e o palpável do drama social. Pode até não corresponder ao gosto estético, mas atende seguramente ao grito da consciência. Se estamos na época do Estado Social, que se manifesta sob diferentes matizes ideológicos, por que persistir no romance desvinculado do espírito e das concepções dominantes de hoje?

Miséria e sonho no canal, edição da Academia Cearense de Letras, elaboração gráfica primorosa da Imprensa Universitária, é um romance tipicamente social. Faria Guilherme manobra um recanto obscuro e sofrido desta nossa Fortaleza. Não o seduzem as largas avenidas iluminadas, de casario bem arrumado e até com ostentação de fausto. Penetra no submundo, que às vezes nem está longe de nós, porque se esconde envergonhado por trás da aparência progressista e se perde em ruelas que mal têm nome, deturpações urbanísticas da cidade grande que se descontrola na sua expansão desenfreada.

A personagem central de *Miséria e sonho no canal* é Bilinha. Na sua mocidade, fora jogador de futebol. Um bom jogador. A paixão pelo fascinante esporte o dominara por completo. Participara daquelas aventuras de que falara Cecília Meireles: 22 homens lutando em torno de uma bola. Sentira alegrias de criança, que é como Pelé qualificara certa vez os inebriantes triunfos conquistados nos estádios. A

alegria mais pura e santa deste mundo. Ou se deixara ficar de ressaca emocional, pois a tanto conduz, quase sempre, uma grande vitória, segundo Nelson Rodrigues. O delírio da torcida anulava o seu poder de raciocínio e a visão do futuro. Parecia-lhe que a existência haveria de correr sempre assim, ele forte e vigoroso, a receber o gáudio da ovação popular.

Os anos correm depressa, nem sempre nos apercebemos. Bilinha, muito menos. Chega o momento de encostar as chuteiras, porque já não detém condições físicas para as jornadas a que tanto se afeiçoara. Fizera alguma economia? Exercitara-se em outra atividade? Nada previra, e defronta-se então com as dolorosas circunstâncias de quem não tem trabalho.

Uma situação que não é única e pessoal. Por este Brasil afora quantos Bilinhas não amargam condições idênticas? Felizmente, o quadro está para modificar-se e o profissional de futebol já não permanece ao desamparo da Previdência.

Bilinha sem trabalho: quem proverá a manutenção da família, esposa e filhos? Faria Guilherme projeta em seu livro a figura admirável de Matilde, compreensiva e amorosa mesmo na adversidade. É este tipo de mulher extraordinária que substitui o varão para garantir a subsistência do lar que ajudara a formar. Sonha com o marido empregado, e espera. Lavando roupa no riacho, da manhã à noite, perde-se em devaneios. Imagina o Mareco, filho rapazola, enca-minhando-se na vida e ganhando para o seu sustento.

Um romance humano, este de Faria Guilherme. Nele não se descobre o estímulo ao desespero, o convite à revolta. É registro de um momento social, ao qual não se pode fechar os olhos. Como não fechou o bom padre Pedro, impressionado com “a pobreza da gente — diz o romancista — crianças subnutridas e maltrapilhas, mulheres imundas, descalças, sempre à porta dos casebres. As ruas invariavelmente sujas, com o capim-de-burro dominando as coxias e o lixo

jogado no meio delas ou nas esquinas, formando monturos. Os botecos proliferando a cada passo. Nada de mercado, de farmácias, de postos de assistência médica ou social. Às noites, era o zunir impertinente das muriçocas, compondo orquestras de sons e ruídos ensurdecedores. A escuridão das ruas. Ausência de policiamento."

— É só pobreza e desordem —, na frase-síntese do padre Pedro.

O romance de Faria Guilherme tem saudáveis aspectos estruturais e estilísticos, o que não é de admirar, quando o autor é um estudioso da linguagem e conhecedor dos segredos e sortilégios que a envolvem. Para mim, este livro é uma surpresa. Sabia dos planos do Faria, porque ele os confidenciara a mim certa vez e há algum tempo. Um sonho, suponha, pois que não é só no canal que se sonha. . .

Absorvido pelas tarefas do magistério, envolvido nos encargos da administração acadêmica, Diretor de Centro já agora, mais fácil lhe seriam os caminhos da ciência da comunicação, notadamente no setor editorial, que sempre atraiu suas preferências e lhe ensejou notório aprofundamento.

Seria a continuação de um labor iniciado auspiciosamente, decorridos são vários anos, quando lançou *Manual de Revisão*, obra de indiscutível mérito didático e que hoje compõe a bibliografia a que obrigatoriamente recorrem os Cursos de Comunicação de diferentes pontos do País. Mas ele deixou-se atrair pelas seduições do romance.

Em *Miséria e sonho no canal* louvo, sobretudo, a sua exuberante e relevante mensagem social e humana.

É um romance de hoje.

BIBLIOGRAFIA

GUILHERME, Faria — *Miséria e sonho no canal*, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará (edição da Academia Cearense de Letras), 1977. 104. p.

2) "CEARENSE TEM CADA UMA"

Uma das presenças mais antigas no Jornal é a da caricatura. Mais velha do que ela só o chamado artigo de fundo e a carta do leitor. A caricatura vem dos primórdios da imprensa.

Contemplem-se um jornal de hoje e um de ontem. Uma diferença enorme em termos gráficos e editoriais. Seria até melhor dizer que não há termos de comparação. Mas a caricatura subsistiu a todas as transformações.

Claro que o teor da caricatura é outro. Também não era possível persistir um modelo único para tempos diferentes. Ademais, a charge contundente, agressiva e ridicularizante de outrora corria parelhas com a linguagem desabrida de alguns artigos que ainda provocam náuseas, como já houve quem observasse.

O cearense Herman Lima escreveu sobre a caricatura uma obra extraordinária, sob diferentes aspectos, inclusive o qualificativo e o quantitativo. Para Herman, a caricatura foi a mais poderosa arma de combate à escravatura e à monarquia, como ao caudilhismo, à tirania e à opressão, na República.

Teve aqui papel saliente, à semelhança do que desempenhou em outros países. Os Estados Unidos, para citar apenas um. A xilogravura representando uma cobra cortada em oito seções, cada uma delas simbolizando uma das colônias litorâneas, foi sucesso na propaganda da revolução Americana.

Como definir a caricatura? No dizer dos mestres, é uma mensagem que ora fixa o traço marcante de uma personalidade; ora ressalta aspecto de um acontecimento; ora emite uma opinião em tom jocoso. De um modo geral, só evidencia o negativo; muitas vezes, desperta humor e provoca riso.

Há quem estranhe que em um país como o Brasil, que gosta do chiste e da piada, como do humor em expressão mais elevada, a caricatura não tenha maiores espaços. Mas

bem que a situação melhorou nesse tocante e alguns progressos são registrados.

Devíamos era partir para a concessão de prêmios, um elemento de valorização e estímulo do trabalho profissional. Nos Estados Unidos, por exemplo, anualmente um prêmio Pulitzer em jornalismo é dado como recompensa à melhor caricatura, isto é, aquela que tenha idéia clara, bom traço, efeito pictórico e contribua para uma boa causa de alcance público.

Entre nós, *O Povo* insiste em sustentar a permanência da caricatura em suas edições diárias. De maio de 1975 para cá não mais ocorreram interrupções.

O chargista da nova fase é o Sinfrônio. Seu nome completo: Sinfrônio de Sousa Lima Neto. Ele vinha de experiências em pintura surrealista. Também fizera histórias em quadrinhos para Gibi, do Rio de Janeiro. Criara então um personagem — Ming-Au — pequeno Monge do Tibet.

Com franqueza, o pessoal da casa não acreditava que Sinfrônio fosse longe. Todo dia havia quem lançasse previsão do seu próximo fim. As críticas sucediam-se com frequência. Mas não tardaram as primeiras manifestações de aplauso ao rapaz.

O Sinfrônio firmou-se e já formou hábito. Há leitores que, ao apanharem o jornal manhã cedo, vão direto à charge da terceira página. É como se quisessem formar uma reserva de bom humor para suportar sem choques maiores os traumas de um mundo dramático.

O Sinfrônio tem bons momentos. Excelentes, mesmo. As suas charges refletem o dia-a-dia do cearense, com incursões também no plano nacional e internacional.

Recentemente, ele as reuninu em livro. São 200 charges. As melhores do seu labor artístico.

Saudemo-lo com efusão.

BIBLIOGRAFIA

1. LIMA NETO, Sinfrônio de Souza — *Cearense tem cada uma*, Fortaleza, 1979. 102 p.

3) “A CATEDRAL”

No discurso de posse na Presidência da Associação Cearense de Imprensa, fiz referência ao propósito da nova Diretoria de levar a nossa entidade a ingressar na área editorial. Planos existiam — frisei — para enfeixar em volumes produções jornalísticas ou de outra natureza, que se projetassem pela sua oportunidade e encerrassem valor permanente.

Não se pretendia montar uma editora, porque a iniciativa envolveria a mobilização de recursos vultosos, que a ACI não possuía. Desejava-se, isto sim, uma conjugação de esforços para obter, junto a organismos da empresa pública ou privada, a cooperação imprescindível à concretização do objetivo delineado.

Ao final de 1977, por ocasião do julgamento e anúncio dos vencedores dos prêmios anuais de jornalismo da ACI e da Prefeitura Municipal de Fortaleza, a Diretoria entendeu que já era chegado o momento de entrar em ação no novo campo de atividades que se elegia. Algumas das reportagens laureadas revestiam-se de características que as recomendavam à publicação em livro.

A ACI bateu às portas do Banco do Nordeste e encontrou, na clarividência do seu então Presidente, Dr. Nílson Holanda, a compreensão e o apoio de que necessitava. O BNB é um instrumento de desenvolvimento do Nordeste e, como tal, prestigia e ampara os movimentos de natureza cultural. Porque a cultura é um dos pressupostos básicos do desenvolvimento, como fenômeno integrado, que não se confunde com o simples crescimento econômico, traduzido em estatísticas e cifras.

A *Catedral* inaugurou a série de livros que a ACI se propõe a publicar. É seu autor o jornalista e professor Francisco Lima, que em 1977 publicou no *O Povo* uma série de reportagens sobre o templo maior do Ceará e com elas ganhou dois prêmios: o Juarez Barroso, da Prefeitura Municipal de

Fortaleza, e o João Brígido, da Associação Cearense de Imprensa.

Ao enfocar aspectos da construção da Catedral de Fortaleza, o jornalista Francisco Lima oferece ao leitor uma visão histórica do majestoso templo. Com efeito, a edificação, que se arrastava desde 1938 até agora, não poderia concretizar-se sem abranger esforços consideráveis da nossa população. Onde buscar todos esses elementos, que foram importantes em sua época? O autor rebuscou os velhos jornais, ouviu pessoas mais antigas, colheu depoimentos e, em tom jornalístico, reuniu as informações coligidas em cinco reportagens. Ainda não era tudo. Publicadas as reportagens no *O Povo*, e atendendo à sugestão que lhe fiz, com insistência, procurou aperfeiçoá-las posteriormente, auscultando a seguir a opinião abalizada do monsenhor Francisco Pinheiro Landim, que tem Curso de História Eclesiástica e de cuja aprovação dependia a liberação pretendida pela ACI, para publicação.

Francisco Lima relutou muito, alegando que seu trabalho não constitui obra acabada. Como acabada não estava ainda a Catedral. Considerava-o apenas subsídios. Rendeu-se afinal, com o incentivo que recebeu de dom Edmilson da Cruz, Bispo Auxiliar.

Quem conhece as velhas catedrais européias sabe perfeitamente como elas são consideradas pelo povo. Nos tempos antigos, era nas catedrais que o povo concentrava toda a sua arte e sua fé. Por isso, estes templos — cátedras dos pastores — ainda hoje significam relíquias preciosas. E se elas contam a história das gerações, trazem, em si mesmas, sua própria história. As linhas arquitetônicas, a solidez de suas bases, a extensão de suas torres, o ambiente silencioso da cripta, em tudo uma catedral guarda um bocado de história, com os seus valores culturais e religiosos.

Por isso, o trabalho do jornalista Francisco Lima sobre a Catedral de Fortaleza teve, da parte da ACI, preferência na linha de suas publicações. É como se fosse um retrato ao vivo, no jornal da vida, do quanto é capaz o povo, quando

animado pela fé. Tal como ele sugere no final de suas reportagens, sirva a publicação da ACI como o pedestal onde ele pretendia que se inscrevesse apenas isto: AO AMOR DO POVO.

BIBLIOGRAFIA

LIMA, Francisco — *A Catedral*, Fortaleza, Associação Cearense de Imprensa, 1978. 111 p.